

A CASA
TOMBADA
Lugar de Arte, Cultura e Educação



FACONNECT/ A CASA TOMBADA

HELENIRA PAULINO

Quando a prática docente se torna um processo criativo?

BRAGANÇA PAULISTA

2022

HELENIRA PAULINO

Quando a prática docente se torna um processo criativo?

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu *Saberes Populares para a arte e a educação nas vivências da Carroça de Mamulengos* apresentado à *Facon – A Casa Tombada*, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de especialista em Arte/Educação.

Orientadora: Schirley P. França

BRAGANÇA PAULISTA

2022

Parece-me que o ato da escrita é do tipo que inventa. Imagina leitores e leitoras, assume que o assunto que aborda é de interesse em comum. Ele ainda parece abrir entre as letras ordenadas, um buraco. E aí, me enfito, sento numa mesa com chá ou café, e a prosa começa. O problema é que a prosa, ela por ela mesma, também é ato da imaginação, uma vez que acontece em um diálogo construído, entre quem escreve e aqueles que chama para sentarem à mesa. Diálogo tão criado pela escrita, quanto a própria autora. Em seguida, são o leitor e a leitora que se sentam, convocando para a prosa o próprio texto e, quem sabe, outros, adicionados de experiências e saberes já estabelecidos. Ainda que a cena toda seja invenção, nada disso torna escrita, autora, leitores e leitoras menos reais, visto que todos se pretendem vivos. Atuantes para que a distância entre o que se escreve e o que se lê, seja pouca.

Assim, ao deparar-me com a tarefa da elaboração (ou reelaboração) de uma vivência pelas palavras, caminho para frente e para trás, por vezes receosa, outras corajosa. Aonde isto pode me levar? Tomo fôlego emprestado naqueles muitos que vieram antes, peço licença a eles e à minha história. Agradeço.

Agradeço aos meus pais, Roseli Figaro e Luis Antônio Paulino, à minha irmã, Joana Paulino, pela presença sempre constante, respeitosa e amorosa. Agradeço aos avós que já se foram, por tornar a minha infância mais rica de histórias, de sabores e de olhares. Agradeço ao meu companheiro, Ricardo Pacheco, pela parceria amorosa, que me alimenta de tantas maneiras cotidianamente. Agradeço à amiga querida, Tatiana Burg, pela trajetória já antiga. Agradeço à Schirley P. França pela leitura e escuta atenta, crítica e acolhedora, fundamental para a existência deste texto.

RESUMO

Este relato reflexivo discute, a partir da vivência com a trupe familiar *Carroça de Mamulengos* e com mestres e mestras da cultura popular de Juazeiro do Norte, no Ceará, ocorrida no seio do programa de pós-graduação *Saberes Populares para a arte e a educação nas vivências da Carroça de Mamulengos*, como a prática docente pode se tornar um processo criativo. Para tal, reflete acerca das referências do programa, elaborando conexões com autores como Walter Benjamin e Jorge Larrosa. Ainda a fim de refletir sobre a questão, a autora recorre à sua experiência como docente de artes visuais na Educação Básica e utiliza o recurso da memória e da escrita autobiográfica. Por fim, é feito o registro como a vivência com a cultura popular tem impactado sua prática docente.

Palavras-chave: Arte Educação; Cultura Popular; Artes Visuais; Memória; Docência.

ABSTRACT

This reflective report discusses, from the experience with the family troupe *Carroça de Mamulengos* and with *mestres* and *mestras* of popular culture from Juazeiro do Norte, Ceará, which took place within the postgraduate program Popular Knowledge for art and education in the experiences of the *Carroça de Mamulengos*, how the teaching practice can become a creative process. To this end, it reflects on the program's references, making connections with authors such as Walter Benjamin and Jorge Larrosa. Still, to reflect on the issue, the author resorts to her experience as a visual arts teacher in Basic Education and uses the resource of memory and autobiographical writing. Finally, it is recorded how her experience with popular culture has impacted the teaching practice.

Keywords: Art Education; Popular Culture; Visual Arts; Memory; Teaching.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
PARTE I: O DESEJO DE FAZER PARTE DE UMA PÓS-GRADUAÇÃO: OS SABERES VALORIZADOS	7
A chegada.....	8
A presença da poesia.....	10
A experiência e o narrador	12
Disponibilidade para a experiência e/ou vivência.....	16
PARTE II: A ESCRITA DE SI. MEMORAR PARA SEGUIR ANDANDO	18
O movimento da Infância	20
A cozinha-escola	22
Formação política matinal.....	24
A participação da escola	25
PARTE III: COMO SEGUIR DEPOIS DO ENCONTRO COM A CARROÇA E COM A CULTURA POPULAR?	27
Como manter vivos os fazeres em mim	29
Os estandartes de uma Festa Junina	31
CONCLUSÃO: APENAS UM RECOMEÇO CONSTANTE	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
ANEXO - CRONOGRAMAS DAS AULAS DA PÓS-GRADUAÇÃO SABERES POPULARES PARA A ARTE E EDUCAÇÃO NAS VIVÊNCIAS DA CARROÇA DE MAMULENGOS	37

APRESENTAÇÃO

Este relato reflexivo, escrito em primeira pessoa e apresentado como trabalho de conclusão de curso para a obtenção de título de especialista em Arte-educação na pós-graduação *Saberes Populares para a arte e a educação nas vivências da Carroça de Mamulengos*, é composto por três partes diversas, não apenas pela maneira como foram escritas, como também pelo próprio tempo sobre o qual tratam.

Na primeira delas – espécie de introdução –, *O desejo de fazer parte de uma pós-graduação: os saberes valorizados*, estão informações sobre o curso, além da questão que norteou a escrita e que nomeia o presente texto. Nessa parte, também são tecidas conexões entre o que foi vivenciado ao longo das aulas remotas e os conceitos de **experiência e narrador**, tal qual elaborados, respectivamente, por Jorge Larrosa Bondía (2002) e Walter Benjamin (1994). Abordei, assim, o tempo presente ou o passado recente, momento próprio da pós-graduação vivenciada.

Outro modo de escrita pode ser encontrado na segunda parte, *A escrita de si. Memorar para seguir andando*. Nela, as lembranças de infância e os tempos vividos entre a família são evocados para defender que a educadora que **estou**¹ hoje é constituída tanto pela construção familiar, quanto escolar, ao longo dos seus diferentes graus. Tratei, ali, de fabular o passado, a fim de realizar o exercício de “assumir-me”, na esperança de reconhecer o que tenho a oferecer ao futuro.

Quem chega ao terceiro momento deste trabalho – *Como seguir depois do encontro com a Carroça e com a cultura popular?* –, encontra uma escrita feita livremente e uma reunião de relatos de uma prática docente; a busca foi de reunir fragmentos de dias, de acontecimentos. Embora tais excertos também registrem um passado recentíssimo, foram escritos com vistas ao futuro. Eles são fragmentados, pois tentam compreender como a vivência com a pós-graduação impactou a minha prática e o meu pensar docente. Trabalho em andamento, visto que se fazendo agora ou, como bem praticamos em conjunto nesses meses com a *Carroça de Mamulengos*, que aprendo fazer enquanto faço... e penso, escrevo, reflito. É com esse olhar para o que há de vir, ainda que sempre incerto, que o presente texto se encerra.

¹ Como bem aprendi pela fala constante de Regina Sodré, diretora da *Escola Miguilim*, em São Paulo, SP.



(Figura 1: desenhos realizados pela autora ao longo das aulas remotas. Crédito: Helenira Paulino)

PARTE I: O DESEJO DE FAZER PARTE DE UMA PÓS-GRADUAÇÃO: OS SABERES VALORIZADOS

A chegada

Em 2021, em conjunto com cerca de quarenta pessoas, iniciei uma pós-graduação remota, inteiramente on-line, fruto de uma parceria entre *A Casa Tombada*² e a companhia familiar *Carroça de Mamulengos*³. Construído em três grandes atos, o curso *Saberes Populares para a arte e a educação nas vivências da Carroça de Mamulengos*, com duração de março de 2021 a setembro de 2022, apresentou a um grupo diverso de pessoas (aqui considero diversos por suas idades, profissões, localidades, gêneros e raças) cada um dos integrantes da trupe (o pai da família e fundador, Carlos Gomide; a mãe, companheira nas criações, atriz e pedagoga, Schirley P. França; e seus oito filhos⁴, agregados e netas), sua história, seus princípios e valores, e suas fontes de inspiração. As noites de quarta-feira, presenciadas desde Juazeiro do Norte⁵, Ceará; à Curitiba, Paraná; do Brasil à Inglaterra⁶, foram semeadas pelos mestres e mestras da cultura popular do Cariri, por professores e professoras universitários ligados à *Carroça* e por outros tantos convidados⁷.

Motivaram o meu ingresso nessa especialização o desejo de conhecer a trupe e o saber sobre sua prática engajada com a cultura popular brasileira. Para tal, o ensino remoto atuou

² *A CASA TOMBADA* foi inaugurada em 18 de julho de 2015, pelos artistas e educadores Ângela Castelo Branco e Giuliano Tierno, como um “Lugar de Arte, Cultura e Educação”, inicialmente localizada na cidade de São Paulo; e, desde 2021, em Bragança Paulista. Em 2020, ganhou sua versão on-line, *A Casa Tombada – Nuvem*, plataforma que sustenta o programa aqui apresentado. A *Casa* organiza e fomenta cursos de pós-graduação e de extensão universitária, defendendo “que a oralidade e a escritura são urgências e necessidades humanas”. Ver sítio A CASA TOMBADA.

³ Gabriela Romeu, em seu livro *Álbum de Família: aventuras, memórias e efabulações da trupe familiar Carroça de Mamulengos* (2019), apresenta ao leitor a companhia de artistas e educadores. A autora faz da memória e das narrativas da própria família material para essa **biofantasia**, como a nomeia. Ao final, explicita que, “com quarenta anos de estrada, o grupo *Carroça de Mamulengos* descende de artistas populares que há séculos vivem a tradição da arte nas ruas, das trupes itinerantes medievais, entre saltimbancos, menestrelis e bufões, com a praça como ponto de encontro de um fazer artístico genuinamente vivencial. [...] Autodidatas de convicção, os pais deram aos filhos um ofício, um outro tipo de diploma. Criada em muitas praças, a trupe familiar é de multiartistas – palhaços, atores, bonequeiros, artesãos, contorcionistas, músicos e poetas. A rua, o picadeiro ou o palco sempre foram extensões da própria morada, e vice-versa. Em suas brincadeiras, como batizam os espetáculos, trazem as peripécias das estradas, das feiras, das romarias.”. Ver, também, o canal da *Carroça de Mamulengos* no sítio do Youtube, no qual há acervo de espetáculos, documentários e músicas.

⁴ Por ordem de chegada no mundo, os filhos da família Gomide – França: Maria, Antonio, Francisco, João, Pedro e Matheus, Isabel e Luzia.

⁵ Maria Gomide e Carlos Gomide, presenças constantes no curso, residem na cidade do Juazeiro do Norte. Outros integrantes da Cia. residem em municípios vizinhos, como Crato, e em localidades mais distantes, como Fortaleza (João Gomide) e Rio de Janeiro (Schirley P. França).

⁶ Os estudantes que participaram da pós-graduação habitam diversas cidades do Brasil. Duas integrantes da turma estabeleceram suas residências fora do país.

⁷ Ver Anexo: Cronograma das aulas da pós-graduação.

como facilitador, aproximando aquilo que parecia – e estava – fisicamente distante. Para além disso, a minha busca como educadora era a de aprender a brincar com quem sabe fazê-lo de maneiras diversas das que eu conhecia, para, então, brincar com as crianças com as quais já trabalho e com aquelas que virão.

Há cerca de uma década, atuo como professora de artes visuais na educação básica, na cidade de São Paulo, tendo antes passado por experiências com arte-educação em espaços culturais e museus do mesmo município. Nesse tempo de trabalho, muitas vezes senti que a atividade rotineira da docência – com suas muitas demandas – me afastava das práticas criativas no ateliê. A sensação, porém, mais do que ser apenas minha, era um pensamento alimentado por outros, que me repetiam seus conceitos; afirmavam sobre como estar em sala de aula era diverso da prática artística e como a primeira tomava tempo da segunda.

Por essas razões, as inquietações que me percorriam ao iniciar o curso - e ainda me movimentam ao final dele - eram as de observar e de me aproximar de modos de estar e pensar o mundo, e que unissem práticas e saberes que alguns insistem em afirmar que não podem estar juntos; e a de encontrar um espaço para unir a vontade de escrever às vontades de desenhar, de costurar, de aprender e de ensinar; e a de, talvez, um dia e com outra vontade, arriscar novas possibilidades. Parecia-me que, na tradição popular, essas linguagens especializadas já eram parte de um todo há muito tempo, e era eu que estava distante. Assim, o desejo de ser parte da pós-graduação era o desejo de aproximar-me de algo⁸.

Ao longo desses dezoito meses de vivências com a *Carroça* e com seu grande quintal de convidados – que incluiu os próprios estudantes do curso –, comecei a me questionar **se** a educação pode ser vivenciada tal como um processo de criação, tanto da perspectiva discente, quanto da docente. Este relato, sem pretender ser conclusivo, reúne reflexões que dialogam com o questionamento⁹: quando a prática docente se torna um processo criativo?

Na proposição discutida, pergunta-se sobre a possibilidade de encarar a tarefa docente como uma vivência na qual há a agência do professor, mas também do estudante, ambos contribuindo para a construção de uma ação vivenciada em conjunto. A tentativa de pensar o processo de estar em sala de aula **como uma criação** é a de imaginar paralelos – ou de elaborar

⁸ As ideias aqui apresentadas podem ser lidas também em minha carta de intenção para o ingresso na pós-graduação, apresentada à coordenação do curso, em 08 de dezembro de 2020.

⁹ Necessária a reflexão do professor Víctor Gabriel Rodríguez (2012) sobre o tempo da escrita; que, ao fazer-se, modifica as próprias ideias com as quais trabalha – daí, a clara perda de se iniciar um processo reflexivo e investigativo com as conclusões já postas. Afirma o autor: “ele [o pesquisador/o narrador] sabe que as ideias se alteram e que aquele que se propõe a descrever uma concepção encerrada perde seu principal momento de reflexão, o tempo da escrita” (p. 14).

metáforas. Seria um sonho encarar a educação como uma atividade criativa, na qual poesia e teoria; pensar e fazer; e investigar e experimentar podem caminhar juntos? Trata-se de um processo que pode contribuir para a formação de sujeitos cheios de vitalidade, vontades e questionamentos?

A presença da poesia

A poeta Audre Lorde (2019, n.p.) afirma que “para as mulheres [...] a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência”. Na introdução da edição em português de seu livro, somos apresentados a um dos eixos de seu pensamento por sua editora:

Disseram-nos que a poesia expressa o que sentimos, e a teoria afirma o que sabemos; que o poeta cria a partir do calor do momento, enquanto o teórico é, inevitavelmente, frio e racional; que a poesia é arte e, por isso, experimentada “de forma subjetiva”, enquanto a teoria é erudição, considerada confiável no mundo “objetivo” das ideias. Disseram-nos que a poesia tem alma e teoria tem mente, e que precisamos escolher entre elas. A estrutura do patriarcado branco ocidental exige que acreditemos na existência de um conflito inerente entre o que sentimos e o que pensamos – entre poesia e a teoria. É mais fácil que nos controlem quando uma parte do nosso eu é separada da outra, fragmentada e sem equilíbrio. (BEREANO, N. K, *Introdução*, in LORDE, A., 2019, n.p.)

A não fragmentação do ser – entre a **emoção** e a **razão** ou entre a **poesia** e a **teoria** – parece ser um mote compartilhado entre Lorde, militante do feminismo negro nos Estados Unidos, e outros autores que discutem a educação com objetivos humanistas e progressistas com vistas a formar docentes e discentes de atuação mais democrática e consciente, tal como Paulo Freire, Jacques Rancière, Gandhi Piorski e Jorge Larrosa. A aproximação entre pensamentos, entretanto, não parece estar restrita aos poetas-teóricos-filósofos que atuaram e atuam nas universidades e em movimentos sociais: contra a fragmentação da vida, também atestam as práticas artísticas críticas alinhadas à cultura popular, como bem presenciamos no curso de pós-graduação com a trupe familiar *Carroça de Mamulengos*.

A aproximação entre poetas e pensadores de contextos variados talvez seja possível pois todos poderiam ser percebidos como fios - ainda que de matérias vegetais, animais ou plásticas –, enrolados em carretéis outros – como aquelas duas linhas que se encontram em uma prateleira de armarinho nas páginas de *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga¹⁰ –, com desejos

¹⁰ “A LOJA DAS LINHAS era uma loja que só tinha linha. De tudo quanto é jeito e cor. Na prateleira do fundo moravam dois carretéis, que há muito estavam ali, um do lado do outro, esperando para ser comprados. Um era carretel de linha de pesca; o outro, de linha forte. As duas linhas batiam papo até não poder mais” (BOJUNGA, L., 1996, p. 85).

complementares: escrevem ou atuam com vistas a propor transformações no mundo; para atestar a possibilidade de sobrevivência e mudança.

Desde o início desse curso, realizado inteiramente de modo remoto, fomos instigados a estar presentes integralmente, sem classificar o **pensar** e o **sentir**; e, mais do que isso, sem hierarquizar os vários saberes necessários à vida. Os encontros foram da cabeça às mãos, das mãos ao estômago, dos ouvidos aos olhos e da fala à escrita. Assim, igualmente carregado de sentido, foi ouvir sobre os movimentos messiânicos no Nordeste, sobre a arte do mamulengo, sobre agrofloresta ou sobre o Reisado (apenas para citar alguns dos temas percorridos); fazer pão, relembrar receitas de família, costurar um estandarte; ouvir os professores universitários e as mestras da cultura popular. Talvez sejam posicionamentos e valores como esses, perante os vários saberes e quem os vivência, o que nos aproxima daquela anciã palavra: igualdade. A igualdade de valorar tanto saberes advindos da tradição oral, passados de geração à geração, quanto aqueles construídos a partir do método científico, com pesquisa e literatura, reconhecendo suas diferenças e especificidades; de reconhecer que ambos são parte da experiência humana, e que, juntos com a arte, atestam a diversidade de modos de existir. Não tratamos de difundir perigosa ideologia contra o pensamento crítico e vertical construído nas escolas e demais espaços dedicados às ciências (humanas e naturais), infelizmente, divulgado em nosso tempo e não fazemos ode à ignorância (política, cultural ou científica), mas desejamos um sistema econômico (uma estrutura) que permita reconhecimento social e econômico a todos os fazeres e seus respectivos saberes.

Dentro desse sonho amplo, podemos questionar como a prática docente pode contribuir para o reconhecimento das tradições culturais populares como sendo produtoras de conhecimento, a fim de refletirmos se há algo nesse ato que nos auxilie a aproximar a profissão ao ato criativo. Nesse sentido, observar o próprio programa de pós-graduação pode nos oferecer pistas de como proceder em nossas salas de aula.

O termo **vivência** – presente já no título do curso – talvez possa ser refletido como proposta para encararmos a metalinguagem¹¹ dessa experiência em arte e educação. No contato com os mestres da cultura popular de Juazeiro do Norte e com a própria família da *Carroça*,

¹¹ É possível afirmar que os métodos empregados ao longo do curso foram baseados nos próprios princípios sobre os quais se discutiam, ou seja, não apenas falamos sobre como aliar os saberes populares à arte e educação, mas vivenciamos essa própria conjugação. Exemplos disso foram as atividades propostas aos alunos, realizadas on-line, como a realização de bandeiras/estandartes, o preparo de receitas de famílias e de pão, de cadernos artesanais, entre outras.

tanto nas aulas remotas, quanto nos encontros presenciais realizados em julho de 2022¹², observamos que os métodos empregados para o compartilhamento dos saberes e das práticas culturais não explanam, organizam ou compartimentam, estabelecendo uma sequência de ações, procedimentos ou raciocínios para que se chegue a um objetivo. A própria vivência – estar junto em um mesmo espaço, a partilha das refeições, as apresentações das brincadeiras e espetáculos, a realização de artesanias, o andar pela cidade – congrega tanto aquilo que se faz, quanto o que se ensina.

Antes de passarmos ao relato acerca do processo educativo realizado no interior desse curso, duas aproximações com as ideias de **experiência**, tal como elaborada por Jorge Larrosa (2002), e com a de **narrador**, apresentada por Walter Benjamin (1994), se fazem necessárias.

A experiência e o narrador

O filósofo Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 20-28)¹³ conceitua a **experiência** como aquilo que nos passa, como algo que nos toca, que nos acontece. Afirma, porém, que o **saber da experiência** só pode ocorrer se nos afastarmos de concepções de educação e de vida que privilegiam a inundação de informações e de seu consumo com uma velocidade incessante. Para que algo nos atravesse é preciso de tempo; é necessário parar para dar lugar a ações como ouvir, pensar, refletir e observar.

Larrosa escreve sobre o sujeito da experiência como um ser passivo, disponível, aberto ao desconhecido e, deste modo, exposto ao que pode lhe acontecer. Não se trata, contudo, de alguém sem ação ou desestimulado frente ao mundo, uma vez que tal postura exige o trabalho constante da construção de sentidos – e não de verdades absolutas – perante aquilo que nos passa ao longo da existência. Parece-nos, assim, este saber se constituir de uma elaboração contínua acerca do vivido. O professor e filósofo afirma:

¹² Em julho de 2022, foi organizada uma vivência presencial em Juazeiro do Norte, no Ceará, para os participantes do curso e seus convidados. A partir do pedido de alguns estudantes e de seus desejos de ver de perto o que fora compartilhado pelas telas, a *Carroça de Mamulengos* programou uma semana intensa de encontros, oficinas e conversas. O local para tais compartilhamentos foi a própria casa da família Gomide e a Praça do CC, no bairro do João Cabral, onde está localizada a sede da *Carroça* e o museu orgânico do mestre Nena. Infelizmente, nem todos os alunos puderam comparecer à semana, sendo ela um evento, ainda que intimamente conectado com a pós-graduação, formalmente externo a ela.

¹³ Jorge Larrosa Bondía é professor de Filosofia da Educação na Universidade de Barcelona, Espanha, tendo realizado diversas passagens pelo Brasil. Em português, possui alguns títulos publicados pela Ed. Autêntica, tais como: *Elogio do Professor* (2021), *Elogio da Escola* (2017) e *Pedagogia Profana* (2017).

[o saber da experiência] trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana em particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude (...) o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal (ibidem, p. 27).

A aproximação entre as ideias de **vivência** e de **experiência** seria possível uma vez que ambas compartilham concepções e valores. Dependem da especificidade do acontecido, estão inscritas no coração de uma comunidade, de suas relações e de seu cotidiano. Ademais, propõem que a convivência com tais existências, se elaborada pela ação individual ou coletiva do Homem, seja pela Arte, seja por outras linguagens – a **palavra** –, ultrapassa a mera repetição de rotina, podendo, então, serem construídos os saberes.

Deste modo, assim como a **experiência**, a **vivência** também produziria seu saber, estando os sujeitos disponíveis para aquilo que lhes passa, com os sentidos atentos para observar, ouvir, tocar e elaborar a partir do ocorrido, ainda que seja acerca do desconhecido, do imprevisto ou, até mesmo, do costumeiro dos eventos. A palavra – escrita, falada, cantada ou brincada –, como afirma Larrosa, é o Humano.

Sendo a **palavra** imaginada e criada a partir da elaboração do vivido, lembremos de Walter Benjamin e de seu ensaio sobre a arte de narrar ao refletir sobre os acontecimentos compartilhados nesse curso. Imaginemos alguns dos mestres do Reisado do Juazeiro do Norte – mestre Antônio Evangelista e Mestre Raimundo Evangelista¹⁴, mestre Dodo¹⁵ –, do Coco – mestra Marinês¹⁶ –, dos Bacamarteiros – mestre Nena¹⁷ – (para citar apenas aqueles que foram professores nessa pós-graduação) e os próprios integrantes da *Carroça* como *narradores*: como aqueles que recorrem à experiência passada de pessoa a pessoa para ser a própria matéria de

¹⁴ Mestre Antônio Evangelista é responsável pelo *Reisado Discípulos do Mestre Pedro*, conhecido como *Reisado dos Irmãos* em Juazeiro do Norte, Ceará. É reconhecido como mestre da cultura pelo governo do Ceará. Junto com mestre Antônio, faz parte do *Reisado dos Irmãos* o mestre Raimundo Evangelista, como o Mateu da brincadeira.

¹⁵ Conhecido como mestre Dodo, Francisco Joventino da Silva é responsável pela brincadeira do *Reisado Franciscano*, tradicional grupo do Juazeiro do Norte composto por seus familiares.

¹⁶ Mestra Marinês do Cariri é responsável pelo *Coco Frei Damião*, composto majoritariamente por mulheres e meninas. Em 2022, lançou seu álbum *Linda Flor*, com produção da *Carroça de Mamulengos*.

¹⁷ Mestre Nena, nascido Francisco Gomes Novais, é responsável pelo grupo *Bacamarteiros da Paz*, criado em 2009. Desde criança, ele brincou em diversos reisados do Crato e do Juazeiro, tendo passado pelas posições de embaixador e contramestre na brincadeira de mestre Moisés, antes de criar seu próprio Reisado. Participou, em conjunto com a *Cia. Carroça de Mamulengos*, da *União dos Artistas da Terra da Mãe de Deus*. Em 2019, foi contemplado com o projeto do *Museu Orgânico*, parceria entre o Sesc CE e a *Fundação Casa Grande de Nova Olinda*, transformando sua própria casa, no bairro do João Cabral, em espaço dedicado à valorização da cultura popular e à sua história.

seu discurso; como aqueles que ao narrar, aprendem com a experiência de quem ouve, num acúmulo de tradições e histórias.

Benjamim escreve que seria possível identificar duas famílias de narradores arcaicos: o camponês sedentário e o marinheiro comerciante. No entanto, para o autor, só podemos compreender o alcance da narrativa se considerarmos a mistura entre esses dois tipos, uma vez que nas oficinas dos mestres de cada localidade trabalhavam os aprendizes viajantes, levando consigo as experiências de cada parada. Ele ainda completa: “Se os camponeses e marujos foram os primeiros mestres da arte de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram” (Ibidem, p. 199). Os artesãos trabalham com a palavra narrada de modo similar ao que lidam com o couro, com a madeira, com o algodão, com o metal.

Pois a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito. A antiga coordenação da alma, do olhar e da mão [...] é típica do artesão, e é ela que encontramos sempre, onde quer que a arte de narrar seja praticada. Podemos ir mais longe e perguntar se a relação entre o narrador e a sua matéria – a vida humana – não seria ela própria uma relação artesanal. Não seria sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência – a sua e a dos outros – transformando-a num produto sólido, útil e único? [...] (ibidem, p. 221).

Ao longo dos meses, conhecemos mestres da cultura popular que são líderes de seus grupos e que são, no cotidiano, agricultores, artesãos e conhecedores de seus ofícios. Não seriam eles narradores? Poderíamos pensar ainda em Juazeiro do Norte – este município de peregrinações, romarias, de exercício constante da Fé e também do comércio – como um local de troca de experiências entre os que passam e os que permanecem; os causos ali narrados sendo levados a outras paragens, os locais, sendo acrescidos das experiências dos forasteiros.

Para além disso, faz-se necessário relacionar a escrita de Benjamin, sobre ser a própria vida humana a matéria de trabalho do narrador, com a vivência com os artistas ocorrida ao longo desses dezoito meses de curso, tanto de forma on-line, como na casa da família Gomide, em julho de 2022, na cidade de Juazeiro.

A própria trajetória da *Carroça*, com suas viagens pelo país, sejam aquelas realizadas ainda no velho Brasilino¹⁸, sejam as atuais turnês de espetáculos, demonstra o desejo de levar

¹⁸ Em *Álbum de Família*, Gabriela Romeu memora o ônibus companheiro das andanças da família pelo país: “a vida toda dos Gomide cabia no Brasilino, nem avô nem tio, o anjo da guarda da família, a casa empoeirada e itinerante a cruzar fronteiras invisíveis. Brasilino, que tinha o motorista Mosquito como fiel escudeiro de estrada, era quem abria caminhos até em dias de temporal. Quando ele se cansava, Mosquito sabia reavivar o Monobloco Mercedes até com prego torto ou chave de fenda frouxa” (Romeu, 2019. P. 66).

suas histórias aos vários locais – haja ou não teatros, sempre há uma praça para acolhê-los – e ter em troca os causos, os sorrisos, as experiências de quem os assiste. Ademais, muitas vezes, ao longo das aulas remotas, Carlos Gomide nos falou sobre sua escolha de “viver aonde o povo está”, no bairro do João Cabral¹⁹, perto dos mestres da cultura popular e da comunidade que sustenta as manifestações artísticas-religiosas, fazendo-o não apenas no momento da festa – com seus brilhos e cores –, como também no cotidiano, com todas as dificuldades que vive a população de baixa-renda em nosso país.

Em conversa com o narrador-artista Carlos Babau²⁰ sobre a criação dos seus bonecos para a brincadeira do *Mamulengo* e para os espetáculos da companhia, ele nos diz que suas criações surgem da observação das matérias naturais como das cabaças – em busca de formas –, não se preocupando com o realismo, mas com a **verossimilhança** e com a **unicidade**, uma vez que a junção de vários elementos – por exemplo, cabaças de diferentes tamanhos e formas – resulta na formação de um só todo coerente. Conta-nos, contudo, que não faz “bonecos por fazer”, pois eles têm de surgir da necessidade de uma **narrativa**; sendo a **imaginação** fundamental, visto que é o ensaio da ação. Assim, antes de se iniciar a artesanaria, é preciso ver o **personagem** na cabaça. Babau completa sua fala sobre a obra, dizendo-nos que trabalha com as noções de **Sublime** e **Grotesco**, dentro da perspectiva do **Sagrado**. Quando questionado se este relaciona-se com a Religião, nos



Figura 2: a boneca Mariama e seu bebê: uma cena de amamentação durante espetáculo da Carroça de Mamulengos. Crédito: Andrea Damato (cedida por Schirley P. França).

¹⁹ O pesquisador Antonio Lucas Cordeiro Feitosa, em seu artigo, nos informa que o povoamento do local onde hoje se encontra o bairro do João Cabral se iniciou na década de 1980, e que, na época, o local era limítrofe do perímetro urbano de Juazeiro do Norte. Atualmente, porém, com o crescimento da cidade, o bairro não se encontra mais na periferia geográfica, estando próximo a áreas centrais e valorizadas economicamente, essas com serviços públicos e privados. O pesquisador afirma que, de acordo com o recenseamento brasileiro de 2010, dos bairros do Juazeiro era ele o mais populoso. Informa, também, que “o bairro João Cabral tem sido objeto de discursos promovidos no campo acadêmico, jornalístico, das instituições públicas e do senso comum que tanto o classificam como um dos ‘mais violentos’ da cidade, ‘periferia’, como também ‘bairro da cultura popular’, ‘celeiro/berço da cultura popular’.” (FEITOSA, A. L. C., 2020, n.p.) .

²⁰ A conversa citada ocorreu em um dos dias da vivência no Cariri, de modo informal, entre a programação com os mestres e as horas de refeição e descanso passadas juntas. Não foi gravada; os registros realizados ocorreram após o diálogo e provêm da memória, não sendo literais e podendo conter faltas e falhas.

responde negativamente, afirmando que para ele o **Sagrado** é a busca pelo **Belo** até este tornar-se **Sublime**, como uma busca pelo êxtase. O **Sagrado** é a presença da **Humanidade** na criação: olhar para o boneco construído pela junção das várias matérias naturais – existência nascida da necessidade de uma narrativa específica – e perceber que ali há **Humanidade** e que tal criação é o produto da ação de um **Homem**.

É evidente, no discurso de Carlos Babau acerca de seu processo criativo, a presença dos elementos apontados por Benjamin como constituintes do **narrador**: a ligação entre os materiais e o ofício de transformá-los; e a matéria-prima mais básica: o acúmulo da experiência humana.

Disponibilidade para a experiência e/ou vivência

Como educadora habitante de um grande centro urbano, mulher branca e de classe média, dependente do trabalho assalariado, com direitos ainda assegurados por convenções sindicais, me percebi, ao longo do curso, como uma observadora distante de algo que julgava de extrema beleza – algo, que me movimentou de modos variados, suscitando emoções e reflexões.

Por vezes, me questionei como seria possível trazer o que aprendíamos sobre a cultura popular para a sala de aula sem fazê-lo de maneira superficial. Como eu poderia me aproximar dessa prática por seus valores e princípios? Será que a única maneira seria abandonar minha prática de professora na rede privada de ensino com as crianças pequenas e ir para a rede pública? Ou, até mesmo, abandonar a instituição escola e me dispor a trabalhar em outros espaços?

Essas não são dúvidas resolvidas. Entretanto, com o passar do tempo, por meio das conversas com os integrantes do curso, com a vivência presencial ocorrida no Cariri, com o diálogo com amigos e familiares e com o próprio cotidiano acontecendo, notei o **momento** e o **percurso**. Concluí que as trajetórias têm tempo para se dar e que as decisões não são definitivas, sempre podendo ser transformadas. Assim, neste momento, me percebi como professora no lugar que estou, com todas as suas contradições e alegrias, sabendo que os caminhos vão sendo desenhados aos poucos e que cada decisão – até a de participar do curso e finalizá-lo –, altera o trajeto, abrindo possibilidade para “recalcular a rota”.

Continua a me desafiar, também, a proposta para esse texto: escrever a partir da experiência vivida, que atravessa o corpo e, para tal, olhar para a própria história; buscar na

memória e naquilo que constituiu o caminho como educadora, as raízes que fundamentam a prática. Audre Lorde mais uma vez nos ajuda a entender e a justificar tal necessidade:

Quando olhamos a vida ao modo europeu como apenas um problema a ser resolvido, confiamos exclusivamente em nossas ideias para nos libertar, pois elas, segundo nos disseram os patriarcas brancos, são o que temos de valioso.

No entanto, quando entramos em contato com nossa ancestralidade, com a consciência não europeia de vida como situação a ser experimentada e com a qual se interage, aprendemos cada vez mais a apreciar nossos sentimentos e a respeitar essas fontes ocultas do nosso poder – é delas que surge o verdadeiro conhecimento e, com ele, as atitudes duradouras (2019, n.p.).

Se Lorde defende o olhar para ancestralidade, para nossas raízes profundas, como um caminho para a produção de consciência de **atitudes duradouras**, Freire (1996, p. 39) associa a capacidade de transformação ao exercício de **assunção**:

[...] quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica.



(Figura 3: botões da avó Lourdes. Colagem digital. Crédito: Helenira Paulino)

PARTE II: A ESCRITA DE SI. MEMORAR PARA SEGUIR ANDANDO

Às vezes, me pergunto por que entrei na escola e nunca mais saí. Minha mãe me conta que iniciei minha vida escolar aos três meses de idade, na creche. Desde então, estive nas várias modalidades de ensino – ensino fundamental e médio, graduação e pós-graduação, além de cursos livres –, dentro de suas várias instituições – escolas públicas e particulares, universidade, museus –, sendo aluna ou já do outro lado, como educadora.

Estranho pensar que, dos 36 anos completados em 2022, já graduada em Artes Visuais e com mestrado finalizado na área de estudos da cultura brasileira²¹, passei poucos fora da escola. Como aluna, estive com diferentes professoras e professores, alguns que deixaram marcas duradoras. Como educadora, trabalhei em museus e outras instituições culturais, depois na escola formal infantil e de ensino fundamental, sempre atuando na intersecção das artes visuais com a educação. Se a escolha pelas artes sempre foi a que me pareceu mais natural, aquela sobre a atuação na educação formal não foi óbvia, visto que um caminho teve de ser percorrido até o meu reencontro com a instituição.

Sigamos, no entanto, em passos lentos, passeando pelos anos anteriores à profissão e pelos alicerces dela. A memória evoca tempos da infância vividos fora da escola e que foram fundamentais para a formação da educadora que **estou** hoje. **Estou**, porque como afirma Paulo Freire, percebo-me sempre me “re-formando”, tanto nas relações com os educandos, quanto com os educadores que me formam. E como não é possível estar pronta para **Ser**, seguimos **sendo**.

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. [...] Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser. (ibidem, p. 23 e 33).

²¹ Realizei o mestrado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo, no qual desenvolvi pesquisa sobre o artista Carlos Oswald, ressaltando sua contribuição, no início do século XX, para conceituar a água-forte (procedimento da gravura em metal) como arte, e não como técnica de reprodução de outras obras.

O movimento da Infância

Ao refletir sobre minha infância à luz dos estudos de adulta sobre esse período, considerando, por exemplo, a teoria e prática de Emmi Pikler²², questiono que tipo de experiência livre eu mesma tive com o meu mover, já que fui uma criança escolarizada desde muito cedo.

Àquela época, em 1986, nas creches que frequentei nos bairros paulistanos, mesmo que escolhidas com afeto e esforço, desconheço qual era a abordagem referente às necessidades dos bebês (de 0 a 3 anos) que embasava o cotidiano. Será que fui posta sentada muito cedo para receber a alimentação, talvez em frias cadeiras de plástico, sem estar com a coluna pronta para tal? Será que tive tempo de brincar no chão com os pés descalços? Será que pude explorar objetos deitada sobre o solo, buscando as posições confortáveis para o meu corpo? Me pergunto se o “atrapalhamento” e a falta de coordenação que vivenciei na adolescência poderiam estar associadas a experiências precoces de posições ainda não plenamente adquiridas por mim, mas impostas pelo tempo adulto.

Entretanto, ao ler o que afirmam E. Goldschmied e S. Jackson (2008, p. 129-130), lembro-me das caminhadas com meu avô materno:

Uma criança de 2 anos quer acima de tudo praticar suas recém-conquistadas habilidades de movimento, manipulação e fala. Isso pode muitas vezes ser bastante inconveniente para os adultos. Considere, por exemplo, o que a atividade de levar uma criança pequena para caminhar envolve, tanto para o adulto quanto para a criança. Para ela, a experiência imediata é de se mover por sua própria vontade, e responder a uma miríade de coisas excitantes, como a fileira de garrafas de leite vazias que ela encontra fora de casa. Nós, por outro lado, podemos ter nosso próprio objetivo, que é chegar ao correio antes que feche. Ela vê um murinho baixo no caminho e quer ser levantada para que, com nossas mãos apoiando-a, possa praticar o caminhar e o equilíbrio. Sabemos que isso causará um atraso que não desejamos.

Convivi com Antônio Fígaro, meu avô, até os meus 11 anos, quando ele faleceu. Foi casado com minha avó Lourdes Marchetti e, juntos, foram pais de quatro filhos: minha mãe

²² Emmi Pikler (Áustria, 1902 – Hungria, 1984): pediatra que, ao trabalhar com crianças no pós-guerra em orfanatos, desenvolveu prática e teoria baseada na importância dos cuidados e na relação entre bebê/educadora. Considerava que, para o desenvolvimento saudável e autônomo das crianças, mesmo aquelas que não teriam a presença dos pais, visto que órfãs, era imprescindível olhar com atenção para os cuidados recebidos e para o movimento livre na primeira infância. Seus estudos são baseados na observação de centenas de bebês de 0 a 3 anos e no acompanhamento de seu desenvolvimento. Ela afirma que o brincar livremente e o respeito às capacidades motoras do sujeito em cada momento do seu crescimento são fundamentais para que esses se desenvolvam em sua plenitude tanto emocional, quanto cognitiva.

Roseli, Marcos, Maria e Cristiane. Era com ele que eu e minha irmã – Joana Paulino – adentrávamos ao bairro da Vila Prudente, na Zona Leste de São Paulo, pelas suas calçadas estreitas, casas com grades baixas, oficinas com cheiro de óleo e bares com interessantes bancos giratórios e balcões de fórmica. Fizemos essas práticas de caminhar livre sem objetivo imediato, até cerca dos meus cinco anos, quando minha família se mudou para o outro lado da cidade, na Zona Oeste, no Rio Pequeno.

Era aquele um caminhar sem pressa, no qual os detalhes da vida cotidiana e os mistérios do bairro de uma grande cidade podiam ser descobertos. Não por acaso, muitas das memórias da infância são dessas andanças, regadas a chocolates para mim e para minha irmã. Não tenho muitas lembranças da escola, hoje penso que minha educação infantil,



Figuras 4 e 5: à esquerda, minha irmã, Joana, eu e minha avó Lourdes no quintal de sua casa; à direita, eu e meu avô Antônio em sua oficina caseira de tecelagem. Crédito: Fotos do acervo familiar da autora.

bem como meu primeiro amigo, foi meu avô.

Já vó Lourdes, mais séria, dedicava seu tempo às netas de outra maneira; com a sua cozinha delicada deixava nossas manhãs de férias fortificadas, fazendo questão de que ingeríssemos a vitamina rosa que preparava com ingredientes – legumes e frutas – misteriosos para o nosso olhar. Talvez todo o seu corpo estivesse revestido de um certo mistério para mim, seus fazeres na máquina de costura, o cheiro do pó de arroz, a delicadeza de suas mãos. Com ela convivi até a adolescência.

As heranças que nos deixou são de valor inestimável, tal como a caixa de papelão repleta de botões que ela juntava para seu trabalho. Quando pequena, eu tinha grande prazer em ver aquelas peças coloridas, algumas brilhantes, transparentes, de formatos diversos. Mergulhava as mãos dentro caixa e sentia a temperatura do plástico, as várias texturas: era o meu tesouro! Segue sendo...

A cozinha-escola

Já um tanto mais crescida, do final da infância até a vida adulta, aos 30 anos – no bairro de Pirituba e depois em uma cidade do interior paulista – frequentei outra escola, aquela da minha avó paterna, Luzia Ferrari, esposa de vó Claudio Paulino, pais de três filhos, Luis (meu pai), José Claudio e Denise. Escola de culinária: o método de ensino ali empregado era a observação, a fala mansa e ação acompanhada. Essa frequentei, embora que não cotidianamente, por muitos anos, sempre que participava da sua cozinha. Entre massas de esfirra, pastel, bolo de laranja, sopa com macarrão, bomba de chocolate, ela transmitia lições para a vida, algumas das quais só compreendi o real significado muitos anos depois. Levo comigo um desses ensinamentos da pedagoga formada pelas durezas cotidianas: me dizia, à sua maneira, que era preciso ter paciência com aquele que aprende, pois o erro é parte do processo e não desvio ou malcriação.

Usava como exemplo um ovo quebrado no local errado: como aprender a fazer o bolo, sem fazer alguma bagunça? Muito orgulhosa de sua capacidade de ensinar, enquanto me transmitia a receita – que eu primeiro anotava no papel e depois praticava –, falava sobre os ingredientes e suas especificidades: o ovo, por exemplo, para não deixar cheiro no bolo, tem de ser peneirado, contudo, apenas na peneira de plástico e com a colher de pau, uma vez que não pode ter contato com o metal. Ciência do cotidiano, aprendida empiricamente. E a receita seguia, até que alguma lambança acontecia; ela, com muita paciência, não me repreendia, entendendo que dentro da seriedade de seus ensinamentos, os percalços eram sinais da experiência viva de quem aprende.

Eram dela, também, as histórias que me enchiam a imaginação de criança. Eu lhe pedia que me contasse suas vivências de menina, tão diferentes das minhas. Ela narrava, por exemplo, como seu pai ralhou com ela quando um dia, ao levar as marmitas dos trabalhadores para o cafezal, ela e um irmão encheram a comida de pétalas de uma flor branquinha e comprida para fazer as vezes de queijo ralado. Na melhor das intenções, acabaram azedando todas as refeições. Beleza e tristeza de vida de criança. Até hoje a imagino correndo pela estrada de terra em busca das pétalas, a alegria em pensar que deixava mais bela e saborosa a comida comum – a polenta –, a dor e a bronca em ouvir do adulto o erro.

Nos cafezais de sua infância simples, sem muitos recursos materiais, filha de imigrantes italianos agricultores, a comida básica, a polenta, era a mesma nas três refeições, com suas variações: com café com leite, com ovo, com os preparados da carne de porco. E longe de fazer do fato ranço ou nojo, ela soube transformar a polenta em força e memória: o cozido do fubá –

seja frito, puro ou com molho – trazia conforto e prazer. Satisfação essa que passou para outras gerações.

A mesma postura em relação à comida, talvez, tenha se estendido a outros aspectos da vida, pois também como com a escrita, sua experiência era de incompletude: lia e escrevia apenas o básico, se entristecendo com isso. No entanto, soube fazer da falta a força, garantindo que seus filhos tivessem acesso ao ensino que ela não teve. Me dizia que, quando jovem menina, não queria se casar; queria ser freira, pois, assim, poderia estudar e aprender a ler e escrever – caminho que não pôde seguir. Ao refletir sobre suas histórias, penso hoje que ela foi uma mulher que fez jus ao dito popular “fazer do limão, limonada”.

Seu marido, meu avô Claudio, menos afeito às palavras do que ela, auxiliava nos afazeres domésticos depois de aposentado da fábrica e da banca de jornal em que trabalhou. Vó Luzia cozinhava e ele lavava as pilhas de louça que ela ia deixando, limpava o quintal e cuidava de todos os consertos da casa. A maior parte de seus aparelhos possuía alguma gambiarra que ele havia feito (um emendo dos fios, um fecho novo, uma quina refeita). Suas mãos fortes – que de brincadeira espremiavam as minhas de criança – gostavam de cuidar dos delicados passarinhos; quando ele já não tinha mais força para cuidar dos animaizinhos vivos, olhávamos juntos os de papel, ilustrações de atlas de pássaros brasileiros que despertavam seus saberes. Ele me contava, mais com o olhar do que com palavras, as suas lembranças dos pássaros que viviam em seu quintal de menino.

A convivência em seus últimos anos, comigo já adulta, mostrou-me algo sobre mim mesma: o meu interesse pelos extremos da vida, a infância e a velhice; dois polos de um percurso que se distanciam pelos anos e se aproximam por algumas características, ainda que em diversidade. A ambos pertencem as histórias – uns contam e fabulam, outros ouvem e imaginam. Para os dois, os olhos falam muito: é preciso deixá-los abertos e permitir que empatia, consentimento, acolhimento sejam ditos por eles; e, embora sejam períodos de riqueza do ser humano, com transformações cognitivas, emocionais e físicas não experimentadas em tamanha intensidade em nenhum outro momento, são relegados pela sociedade ao esquecimento. A criança e o idoso se tornam esquecidos porque percebidos, muitas vezes, como “não sujeitos” e desprovidos da razão; ou, como defende Gandhi Piorski (2016, p. 37-38), a criança é condenada ao esquecimento de si, resultando em experiência de sofrimento e fragilidade nas mais diversas sociedades:

Historiadores como Philippe Ariès, Peter Stearns, Mary Del Priore, Julia Scarano, Fábio Pestana Ramos e tantos outros têm demonstrado a fragilidade

e a exposição das crianças ao longo dos diversos períodos da humanidade. [...] existe uma estranha tendência a condenar as crianças ao esquecimento de si próprias. [...] Uma ameaça numênica (mágica, divinatória, advinda do mistério) acompanha a infância. (...) em muitos desses contextos, por um prisma hermenêutico, podemos encontrar a face mitológica da criança, a presença do mistério que ela acorda no mundo. [...] A criança, essa criatura proveniente do desconhecido, foi a experiência mais comovente de sofrimento e morte dentro das famílias e na vida comunitária por um longo percurso da humanidade.

Formação política matinal

Se com os avós a vida era pintada com lirismos, fazendo da infância espaço amplo de imaginação, com pai e mãe – Luis Antônio Paulino e Roseli Fígaro – ela ganhava outros contornos de realidade, todas as belezas expostas com suas sombras.

A fotografia da memória mostra duas meninas, no início da década de 1990, brincando numa casa no bairro da Bela Vista – conhecida por mim e por minha irmã, Joana, apenas como *O Partido*, ou amplamente tida com a sede do PCdoB, em São Paulo. No primeiro plano da imagem, as crianças brincam de extrair borracha da seringueira colada ao muro, enquanto ao fundo, dentro da casa, os adultos tratam de formular e planejar outro país. Eles discutem; nós brincamos de esconde-esconde. Eles organizam ações, comícios, confraternizações; nós descemos as escadas correndo, buscando os segredos da casa antiga. Eles falam cerrados em portas fechadas; nós sussurramos a alegria de estarmos ali.

Luta de classes, democracia, injustiça social, capitalismo e comunismo, do café da manhã ao jantar, assunto da mesa, sem restrição de idade. A formação política dentro de casa incutiu em nós a noção de que tudo podia ser discutido, questionado, refletido. Construiu uma certa visão crítica do mundo ao nosso redor, tirando-nos a ilusão de que existem respostas simples para problemas complexos e, ao mesmo tempo, nos ensinou sobre a crença na humanidade: há potência, transformação e amor entre os seres humanos.

Recém-nascida, recebi um nome. Não um nome de parente, nem um que significava algo em outra língua. Também não estava na Bíblia. Um nome em homenagem a uma mulher real, que meus pais não conheceram, mas que admiraram a coragem, a coerência e a firmeza.

Helenira Resende de Souza Nazareth²³ foi uma jovem negra militante do Partido Comunista do Brasil, estudante de letras. Forçada a entrar na clandestinidade após o AI-5²⁴, na Ditadura Militar no Brasil (1964-1984), desapareceu em 1972, na Guerrilha da Araguaia. Foi torturada e assassinada pelos militares por defender seus ideais, por lutar por um país democrático e igualitário. Seus restos mortais nunca encontrados permaneceram longe de sua família. O que se carrega quando recebemos um nome?

A participação da escola

Essas experiências do cotidiano, que me formaram desde muito cedo, aconteceram fora da escola. Adicionadas a elas, poderia lembrar o privilégio de ter tido acesso a livros, filmes, locais da cidade e a algumas viagens que também contribuíram para a construção de quem eu sou. Por isso, volto a me perguntar: se, ao pensar no que foi constituinte em minha formação, lembro da vida em família, o que me faz querer estar dentro da escola ou mesmo crer que há nela possibilidade de atuação?

Talvez porque foi nela que expandi meu universo para fora da família; foi lá que fiz amizades e tive contato com outras leituras e práticas. A vivência nas artes plásticas foi uma delas. Por volta dos dez anos, descobri um espaço mágico: o ateliê escolar. Lá, uma professora experiente nos deixava à vontade suficiente para buscar os materiais nas prateleiras e criar. Para mim, era o significado de liberdade. Lembro-me ainda do cheiro das tintas, do chão com respingos coloridos, do balde da argila. Eram as tardes mais incríveis! Definitivamente, foram fundamentais para as escolhas que fiz muitos anos depois.

Entender a escola como um complemento das experiências, como uma parceira no desenvolvimento das crianças – talvez esse seja o sonho que formulo, que me faz permanecer na instituição; percebê-la como a vivência de coletividade possível, para tantas crianças e famílias, dentro de uma grande cidade.

A escolha por ser uma professora não é apenas, entretanto, fruto de uma experiência positiva com a instituição, visto que a “tal da coletividade” almejada não é nada fácil de se alcançar. As salas de aula, os corredores e pátios eram – e são – locais intimidadores, não apenas pelas regras e limites institucionais, como também pela convivência entre os pares. Ao lembrar de certas cenas da vida escolar, reflito – já como professora – sobre a responsabilidade dos

²³ Ver a encenação da atriz Edi Cardoso em produção áudio visual realizada pela *Comissão da Verdade de São Paulo “Rubens Paiva”*, em 2013, que resgata a memória de Helenira Resende, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TadKENoojYo>>. Acesso em: 08 de maio 2022.

²⁴ O Ato Inconstitucional nº 5 foi baixado em 13 de dezembro de 1968, no governo do general Costa e Silva.

profissionais que acompanham os estudantes no dia a dia, não podendo essa ser resumida às aprendizagens cognitivas ou ao compartilhamento de informações. Cuidar das relações de aprendizagens socioemocionais e sensíveis também é fundamental, sendo parte do currículo que considera a infância em sua amplitude.

Assim, reconheço que todas experiências e memórias no ambiente escolar, boas e más, me constituem como educadora. A prática e a reflexão sobre essa, ao longo dos anos, tornaram-me mais consciente de como as memórias agem sobre minha atitude como profissional. A tentativa constante é de estar ciente sobre a gama variada de emoções que a docência desperta.

É exatamente neste momento que reflito sobre como minha avó estava certa, pois em todo meu percurso de estudante na universidade, nenhum profissional da educação me provocou a pensar sobre como estar junto com as crianças iria me afetar da maneira como ela: no corpo, na razão, no amor, no descontrole. Foi ela que me alertou: a paciência é fundamental.

Percebo que a profissional que desejo ser é a confluência daquilo de valor que experimentei na escola, com o que percebo que estava ausente. O desejo é o de aprender constantemente para poder compartilhar aquilo que eu também não sabia e que imagino ainda não saber.



(Figuras 6 a 9: estandartes produzidos coletivamente por crianças de diferentes idades para a Festa Junina da Escola Miguilim, 2022. Créditos: Helenira Paulino)

PARTE III: COMO SEGUIR DEPOIS DO ENCONTRO COM A CARROÇA E COM A CULTURA POPULAR?

Um relato híbrido: Juazeiro do Norte X São Paulo

*Eu sou um canarinho,
Eu sou um bem-te-vi,
Cantando a liberdade
Cantando para existir.*

(letra da música Canarinho, gravada por *Carroça de Mamulengos*, álbum *Passarinhos*²⁵)

Terminamos a vivência de uma semana cantando esses versos juntos, em roda, na sexta-feira, dia 22 de julho, em Juazeiro do Norte. Logo na segunda-feira seguinte, pela manhã, estou no metrô de São Paulo e inicio meu dia indo para o trabalho, escutando os mesmos versos.

Lembro da fala de Antônio Gomide sobre o ofício na agrofloresta – “o que dá trabalho é pegar o transporte para chegar ao serviço do outro lado da cidade; e não, plantar”. A lista de músicas continua no fone e ouço mestra Marinês com o seu coco. Sentada, meus pés tentam marcar o tempo para que meu corpo não esqueça o passo vivenciado. Lembro-me de Maria Gomide após o encontro com a mestra – “agora vocês têm a música encarnada”.

Perco o espaço da minha cidade com a vivência encarnada, leve, olhando com outras possibilidades para as pessoas. Todos os dias de manhã, passo pela entrada do metrô e encontro dona Juju vendendo balas, salgadinhos e refrigerantes. Sei que ela está ali com seu carrinho de segunda à sexta, de antes do sol raiar até depois dele se pôr. Todos os dias nos cumprimentamos e ela me diz “Vai com Deus, bebê”. Quantos anos ela deve ter? Será que nasceu em São Paulo? Onde mora? Na correria do dia a dia, meu contato com ela se resume a votos de um bom dia, mas nunca a paradas para conversar.

Continuam as músicas; agora já reconheço algumas das vozes e as associo com rostos, corpos, falas. “Minha burrinha come palha com arroz”²⁶. Estou rumo à escola para uma reunião inicial: as aulas começam na semana seguinte. Um semestre com mais trabalho do que no anterior, carga de aulas dobrada. Lembro de Helena²⁷ entrando em cena com a burrinha em uma das manhãs da vivência em Juazeiro. Ao adentrar o espaço do espetáculo, ela se assusta com algo e começa a chorar. Nenhum dos adultos presentes consegue ter certeza do que provocou a emoção, mas a família a acolhe. Ela não se apresenta e a cena tem de ser reformulada no improviso. Tudo segue bem. A imprevisibilidade da infância dentro do espetáculo.

Na escola, a mesma imprevisibilidade encontra o nosso esforço, como educadores, de

²⁵ Disponível no canal do YouTube *Carroça de Mamulengos*.

²⁶ Primeiro verso da canção *Burrinha*, gravada por *Carroça de Mamulengos*, no disco *Aluminação* (1996).

²⁷ Helena é a criança (nova geração da família), que no momento brinca com a *Burrinha*.

tentar compreendê-la; e, por mais que estudemos os processos de ensino-aprendizagem, o desenvolvimento infantil e a didática, algo do mistério da infância sempre se faz presente. Como educar sem ser para a formação de uma massa demasiadamente homogênea? Como fazer jus ao desejo de contribuir com a constituição de seres humanos críticos, criativos e autônomos?

As músicas continuam, meu corpo tomado de dois universos, de lembranças ainda muito vivas. “Dançarolo” na escada do metrô durante a baldeação, bato o pé esperando a porta do trem se abrir. Quantas pessoas entre esse mundaréu de gente são do Ceará? Quantas pessoas gostam do coco, do baião? Quantas delas cresceram vendo e participando do Reisado?

O buraco do metrô é tão fundo que o celular perde o sinal de internet. Fico no silêncio. Escrevo em pé entre outros corpos, quem sabe com quantas semelhanças e pontos de encontro. São Paulo é uma cidade de migrantes, formada pela força de muitos, vindos de lugares outros, com culturas ricas, todos espremidos no espaço de um vagão de trem; ainda que cheio, silencioso, ordenado em sua desordem.

Como manter vivos os fazeres em mim

Não me sai da cabeça, há alguns meses, uma conversa que tive com uma pessoa também professora. Ela me falava de sua nova rotina afastada da vida escolar, sendo possível dedicar-se a sua prática artística. Falávamos sobre como o trabalho com a docência nos consome de tal forma que parece não sobrar energia – mesmo que por vezes haja tempo, em horas do dia – para o processo criativo com as artes plásticas. Lá pelo meio da conversa, ela se referiu a minha prática com as linhas e o ato de tecer (o crochê e o tricô) como uma possibilidade de manter o processo criativo em meu cotidiano, ainda que se trate de uma prática manual e repetitiva.

Questiono o que me faz ficar às voltas com esse diálogo, já que sim, se trata de um fato que encontrei no estudo das artes de tecer – feito nas horinhas vagas antes de dormir – uma maneira de deixar vivo um fazer próprio. Seria a diferenciação entre o que seria arte e artesanato, questão já discutida por muitos pensadores e não mais encarada da mesma maneira. Penso no esforço de alguns artistas e pesquisadores, expressos em textos e exposições, para retirar do elitismo as artes visuais, não mais nomeando a produção de pintores populares, por exemplo, como “primitivos”, porque encontram-se fora dos cânones das escolas de arte ou do mercado.

No entanto, ainda os chamamos de **artesanato** e não de **arte**, o trabalho daquelas que tecem no cotidiano de suas casas sobre saberes passados de geração em geração. Saberes que, atualmente, já são até compartilhados em inúmeros vídeos caseiros e transmitidos on-line pelas redes. Ainda chamamos essas pessoas, muitas mulheres, de **artesãs**, diferentes dos artistas, que

estão representados em galerias, feiras internacionais e exposições, assinando suas obras e pesquisas.

Lembro de dona Socorro, mestra do tecer da Carnaúba que conhecemos em Juazeiro do Norte, tecendo sua longa tira de palha, com seus treze fios. Mãos trabalhavam rápido, sem a necessidade do acompanhamento dos olhos – trabalho que poderia se estender ao infinito, já que cada fio que acaba poderia ser substituído por um novo. Para ensinar-nos sua técnica, nos mostrou como fazia e fez com que a olhássemos por vários minutos antes de dar a palha em nossas mãos.

Já na escola em São Paulo, em uma aula com uma turma de terceiro ano do Ensino Fundamental, mostro o vídeo que gravei de dona Socorro durante a vivência, exibindo a tira que eu teci enquanto aprendia um pouco da técnica e conto sobre o que conversamos. As crianças ficam impressionadas: dizem que ela deve “saber muito” e que deveria ensinar a tecer a muitas pessoas.

Alguns meses antes dessa aula e mesmo antes da ida ao Cariri, mostro, por meio de um livro, pinturas de Neves Torres²⁸, artista natural de Minas Gerais, que inicia sua obra já em sua aposentadoria de trabalhador e sem antes ter frequentado escolas de arte, como uma maneira de se manter ativo. As crianças se impressionam, reparam nos detalhes das imagens, gostam como ele pinta as casas, o mato, as árvores, os pequenos seres-bichos.

Em nenhum momento, os estudantes, ao depararem-se com tais artes, as classificam como menores ou seus produtores como ingênuos ou primitivos. Pelo contrário, encantam-se com a beleza das obras, ressaltam as qualidades dos artistas, atestam a diversidade dos modos de fazer.



Figura 10: dona Socorro durante a vivência em Juazeiro do Norte, Ceará, em julho de 2022. Crédito: Helenira Paulino.

²⁸ Neves Torres é natural do Vale do Rio Doce, Minas Gerais. Nascido em 1932, na cidade de Conselheiro Pena, começou a pintar já aposentado. Vilma Eid, no catálogo da mostra do artista na *Galeria Estação* (SP), resume a história: “pai e filho trabalhavam na construção civil e o filho pintava por prazer e como assistente de um pintor. Na aposentadoria do pai, o filho, preocupado, comprou algumas telas, tintas e pincéis e deu a ele para que distraísse. Os quadros do pai o surpreenderam, ele decidiu enviar dois deles para Piracicaba, e Neves Torres acabou saindo vitorioso.” (TORRES, N., 2021, p. 4).

Em outra ocasião, já em junho de 2022 – portanto, quase no final da pós-graduação – inicio uma conversa para disparar um processo de avaliação qualitativa do semestre com uma turma de quarto ano do Fundamental. Proponho para o grupo a realização de um trabalho coletivo, mas antes conversamos sobre o que aprendemos no período. Escrevo numa folha grande de papel uma pergunta “O que aprendemos com essa vivência?”. Elas me perguntam sobre a última palavra da questão e vamos às raízes dela. Percebem a presença da “vida” e chegamos à ideia de que se trata de refletir sobre o que aprendemos vivendo juntos, nas aulas. Elas citam uma série de palavras e de ideias entorno da questão, as quais anoto. Ao final, uma delas, que no encontro anterior havia mostrado incompreensão e dificuldade de pensar sobre o que havíamos realizado ao longo dos meses, nos diz: “como aprendemos tanta coisa!”.

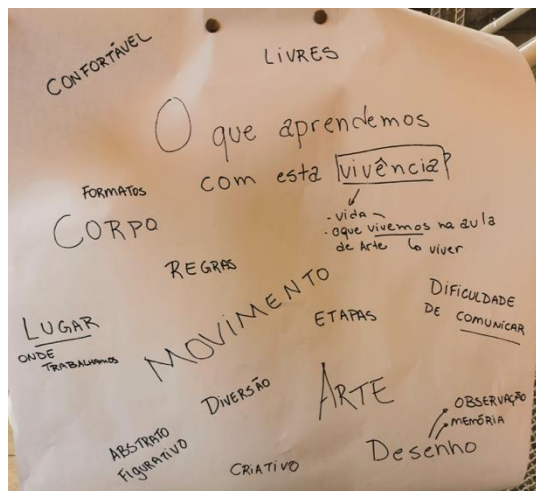


Figura 11: cartaz realizado em conjunto com a turma do quarto ano acerca dos aprendizados realizados em conjunto ao longo do semestre, em junho de 2022, na Escola Miguilim. Crédito: Helenira Paulino.

O ponto aqui – desses relatos, um tanto desconexos, reunidos – é mostrar como, aos poucos, percebo a presença do vivido e refletido no curso de pós-graduação *Saberes Populares para Arte e Educação* no cotidiano com a docência. Como as aulas, seja pela temática, seja pelo modo de apresentar as propostas, e as escolhas das palavras passam a estar enlaçadas com o aprendizado.

No segundo semestre de 2022, em outro ambiente de trabalho, no qual começo a conhecer os estudantes, percebo-me modificando minha maneira de me colocar frente aos grupos. Gosto de iniciar as aulas com rodas de conversa, durante as quais sento junto com as crianças no mesmo patamar que elas. Entretanto, me vi levantando, ora tomando o meio da roda, ora seu perímetro, não para sobrepor minha voz a delas, mas para falar de outros modos, alterando o ritmo do encontro, evidenciando assuntos ou mostrando imagens e usando para tal, todo meu corpo. Variações na entonação da voz, expressão do rosto. Me vi, de certo modo, atuando em alguns minutos para explicar as propostas com mais clareza e energia.

Os estandartes de uma Festa Junina

Em junho, a escola em que trabalho realiza uma festa com brincadeiras e comidas compartilhadas entre as crianças e famílias. Nos últimos anos, devido à pandemia do Covid-19,

a Festa Junina não fora realizada. Em 2022, iríamos retomar essa prática depois do tempo de ausência. Uma das professoras da escola me procurou para que pensássemos juntas em uma sequência de encontros com o quinto ano, a fim de que a turma se envolvesse mais no processo.

Pensamos que as crianças poderiam realizar conversas com seus familiares, buscando informações sobre comidas típicas e brincadeiras que fossem tradicionais do evento. Com as pesquisas realizadas, elas compartilharam o que descobriram e escreveram um texto curto para servir de convite à comunidade escolar, realizando, em seguida, as ilustrações que acompanharam o mesmo.

Por fim, planejamos um grande dia de oficinas com três turmas de crianças, de idades diferentes, para produzir a decoração para a festa. A ideia era a de que o material criado não fosse descartável, podendo ser usado todos os anos e apenas acrescido de novos itens quando necessário. Sendo assim, propus que nesse primeiro ano de oficinas juninas, criássemos alguns estandartes para deixar, no espaço, a presença das crianças.

Fazer o estandarte ou a bandeira foi a primeira atividade que realizamos no curso de pós-graduação, no primeiro semestre de 2021. Elaboramos, costuramos e pintamos para fazer os nossos **votos de chegada**, que são votos de esperança inspirados nos estandartes tradicionais da Folia do Divino Espírito Santo. Meu pequeno estandarte acompanhou toda minha trajetória no curso remoto, na porta da minha casa. Nada mais simbólico, ainda que a atividade não tenha sido planejada com esse propósito, do que finalizar esse processo dos saberes vividos junto à *Carroça*, fazendo, novamente, estandartes; agora, em união com as crianças com quem convivo e diálogo, construindo meu percurso como educadora.

Durante uma tarde, em grupos de cinco ou seis acompanhadas de uma educadora da escola, as crianças produziram os estandartes para Festa Junina. A atividade aconteceu após verem imagens de referência de estandartes de grupos de cultura popular. Reconhecendo a importância da tarefa que lhes era dada, as mais velhas e as mais novas trabalharam em cooperação para planejar e executar suas bandeiras. Tinham como suporte um tecido de algodão cru já cortado, sobre o qual desenharam, pintaram, ajuntaram lantejoulas, purpurina, flores e fitas.

Ficaram surpreendentes, os resultados: nenhum estandarte igual ao outro, mas ao mesmo tempo, todos demonstrando a unidade do que significava a festa para aquela comunidade. As crianças, orgulhosas de suas produções, as mostravam contentes para os familiares no dia do evento. Os irmãos menores, que não participaram da oficina, olhavam com admiração para as produções, atentos aos detalhes e as belezas ali presentes.

Passadas algumas semanas, em uma conversa com a turma de estudantes do quinto ano

sobre todo o processo do semestre, alguns deles lembraram da sequência de encontros entorno da Festa Junina. Afirmaram como se sentiram valorizados em participar de toda a preparação e perceberam a importância de estar em conjunto com os demais para produzir algo com impacto na comunidade.

Como educadora, ao viver trajetórias como esse – que misturam o trabalho, estudos e processos de criação –, sinto-me em um turbilhão. No momento em que os encontros acontecem, a atenção está toda voltada para a organização: lista de materiais e preparo dos mesmos; organização dos espaços; pensar em como reunir os grupos; deixar a proposta clara; e separar imagens de referência. Enquanto está acontecendo, é bonito de ver tanta gente agindo para produzir algo que será para todos e, entre a correria, é possível parar por alguns segundos para observar a beleza que há ali. Entretanto, é só algum tempo depois do processo vivido que percebemos o que é possível fazer juntos, estando abertos às ideias e possibilidades que outros nos trazem.

CONCLUSÃO: APENAS UM RECOMEÇO CONSTANTE

Estas poucas páginas escritas são apenas um início de um processo reflexivo sobre passos dados no passado; demonstram o desejo de olhar para a prática docente tal como um processo criativo e pensar acerca do que escreve Paulo Freire (1996) sobre a exigência de ética e estética para ser um educador: alguém que se compromete com a palavra, com os valores, com o exemplo.

O mote do curso *Saberes Populares para Arte e Educação nas Vivências da Carroça de Mamulengos* foi a indagação “O que nós podemos fazer por nós mesmos?”, vinda do discurso e prática do pe. Ibiapina²⁹. Essa foi uma questão guia durante muitos meses, quando fomos convidados a escrever a partir da experiência vivida e realizada. E como responder a tal inspiração senão pela ação, uma que seja imaginada, planejada e posta no mundo?

Como educadora que estou, tentar responder a essa questão é olhar para a minha prática – sempre coletiva, pois realizada junto com outros docentes e com os próprios educandos –, questioná-la e deixar que nela entrem outros modos de pensar e de fazer. Não apenas apresentar, discutir, vivenciar a cultura popular brasileira como conteúdo e currículo na escola, como também permitir que modos de agir e os próprios valores (muitos vividos em conjunto nessa pós-graduação) possam impactar a minha prática docente. Nesse sentido, a lição apreendida – até o momento – é permitir-se aprender fazendo, ou melhor, criando, junto; encarar o processo de criação complexo que é planejar uma aula: imaginar, colocar em prática, estudar, repensar, avaliar e fazer tudo de novo.

Assim, é num emaranhado entre a cultura popular, o artesanato, a arte, os materiais, as aulas, que vejo a conexão entre a vivência com a *Carroça de Mamulengos* com meu cotidiano como professora. E é partir dessas misturas que vislumbro a possibilidade de transformar, aos poucos, a docência em ato de criação contínuo. Nesse sentido, perceber em minha história o que me conecta com a cultura popular, me provoca não apenas a me aproximar, como também a estudar. Assumir o desejo de fazer parte – nos coletivos possíveis – do que pode me caber, na esperança de fazer crescer a prática e a reflexão, de fazer um grande pão para poder compartilhá-lo.

O pão das práticas de ateliê com as crianças poderia ter um fermento simples, mas fundamental: curiosidade acrescida da água de invenção. Com a esponja da massa pronta, adicionaríamos os outros ingredientes. A farinha melhor para esses casos seria aquela feita de

²⁹ Pe. José Antônio de Maria Ibiapina (1806 – 1883).

papel, terra, areia e madeira. Para umedecer, um pouco de tinta e, a depender do clima do dia, poderíamos variar o tipo – guache, aquarela, água de beterraba, folhas verdes batidas. Para melhorar a liga, um pouco de cola ou de grude caseiro. O tempero seria à gosto e diversificado, incluindo pitadas de história, imagens de obras de artistas, música, tecidos. Misturar tudo e sovar. Evidentemente, há de se dar tempo para o pão crescer, antes de colocá-lo na forma final. Só depois do pão assentado, descansado e amadurecido é que ele poderia ir para o forno. Por fim, só apreciar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A CASA TOMBADA. Disponível em: <<https://acasatombada.com.br/sobre/>>. Acesso em: 06 de julho de 2022.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOJUNGA, Lygia. *A Bolsa Amarela*. 29ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1996.

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. In ANPED, *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, N.º 19, jan. – abr. 2002, pp 20-28.

CARROÇA DE MAMULENGOS. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCH05PpA4-f2PehQwEBuZldQ>>. Acesso em 03 de setembro de 2022.

FEITOSA, Antonio Lucas Cordeiro. *Bairro como multiplicidade: entrecruzamentos de “cultura popular” e “periferia” no bairro João Cabral (Juazeiro do Norte- CE)*. Trabalho apresentado na SPG45 – Sobre Periferias Urbanas, 44º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS, realizado em 2020.^[1]_[SEP]
Disponível em: <https://www.anpocs2020.sinteseeventos.com.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=4377>. Acesso em: 28 de agosto de 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. *Educação de 0 a 3 Anos: O Atendimento em Creche*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. Edição do Kindle.

LORDE, Audre. *A poesia não é um luxo*. In *Irmã Outsider*, versão digital, Belo Horizonte: Autêntica Ed., 2019.

PIORSKY, Ghandy. *Brinquedos do chão: A natureza, o imaginário e o brincar*. São Paulo: Peirópolis, 2016.

RODRÍGUEZ, Víctor Gabriel. *O ensaio como tese: estética e narrativa na composição do texto científico*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

ROMEU, Gabriela. *Álbum de família: aventuras, memórias e efabulações da trupe familiar Carroça de Mamulengos*. São Paulo: Peirópolis, 2019.

TORRES, Neves. *Neves Torres Pinturas*. Curadoria Tiago Mesquita. Galeria Estação, São Paulo, 2021.

ANEXO - CRONOGRAMAS DAS AULAS DA PÓS-GRADUAÇÃO SABERES POPULARES PARA A ARTE E EDUCAÇÃO NAS VIVÊNCIAS DA CARROÇA DE MAMULENGOS

Todas as informações e textos foram coletadas no sítio da *A Casa Tombada na Nuvem*³⁰, curso *Saberes Populares para a arte e educação nas vivências da Carroça de Mamulengos*, área restrita aos participantes da pós-graduação.

Primeiro Ato

Cena 1: Chegança

17/03/2021 - Encontro 1 – Ô de Casa! (Vem chegando a Carroça...)

Professores: Carroça de Mamulengos, professores e coordenadores da pós-graduação

Ementa: Ô de casa?

Quem vem chegando?

Vem chegando a Folia!

Bendito louvado seja o sagrado dom de sonhar!

Encontro de Poéticas de Convivência. Educação (do) Sensível. Transformações na Pedagogia de Brincante.

Seja noite ou seja dia, viva a estrela que nos guia.

24/03/2021 – Encontro 2 – Na sombra do Baubauzeiro com Carlos Babau

Professor: Carlos Gomide

Ementa: Teatro de Bonecos Popular. Mamulengo e Babau. Outras Tradições e Bonecos. Idealização e Primórdios da Companhia Carroça de Mamulengos. Pedagogia dos Mestres. Bonecos e histórias que atravessaram o tempo.

30/03/2021 – Encontro 3 - Para Flores e Frutos? Germinar e Enraizar-ser... (?) Baú de memórias

Professoras: Schirley P. França e Luzia Gomide

Ementa: “Senhora Santana ao redor do mundo, por onde ela passava deixava uma fonte... Calai meu menino, calai meu amor, que a faca que corta não dá tai sem dor”. Teceres da Memória. Narrativa Poética e Acontecimentos. Artesania do Cuidar. Maternagem e Ancestralidade. Pedagogia no Encontro e Pedagogia Brincante.

07/04/2021 – Encontro 4 – Quem somos nós?

Professoras: Maria e Ana Gomide

Ementa: Ritos de chegada, coragem de chegar, pedagogia brincante, memórias de um Mestre... Biofantasias de nós mesmos.

14/04/2021 – Encontro 5 – Chegada da Bandeira

Professores: Carroça de Mamulengos

Ementa: (Apresentação das bandeiras produzidas pelos integrantes do curso) Chegamos hoje! E na chegada entregamos nossa bandeira!

A aula de hoje todos com bandeiras em mão pra gente entregar pra cada um, o muito do que diz cada bandeira!

³⁰ Disponível em: <<https://acasanuvem.acasatombada.com/>>. Acesso em: 24 em setembro de 2022.

Cena 2: Mestres da Vida

28/04/2021 – Encontro 1 - Aprendizados de Movimentos Messiânicos para a Mudança Cultural

Professor: Domingos Sávio Cordeiro

Ementa: A Disciplina Aprendizados de Movimentos Messiânicos para a Mudança Cultural aborda práticas oriundas da história e memória de movimentos messiânicos no Brasil, destacando o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto para discutir perspectivas de mudança cultural ancoradas na necessidade atual de recriar colaborativamente intervenções socioeducativas.

05/05/2021 – Encontro 2 – Os Mestres da Vida

Professor: Carlos Gomide

Ementa: O Padre Mestre Ibiapina como precursor da ordem dos Beatos e Beatas e da premissa “O que nós podemos fazer por nós mesmos?”. Padre Cicero, Beata Maria de Araújo e o milagre do Juazeiro. Beato Zé Lourenço o Sitio do Caldeirão, o monge João Maria, o contestado e o profeta Gentileza. Os mestres da vida.

12/05/2021 – Encontro 3 – Arte como alimento e alimento como Arte

Professores: Pedro Gomide e Matheus Gomide

Ementa: Vida Viva, Alimento como prática de arte e vida. Itinerâncias e paragens. A pedagogia dos alimentos e da abundância.

19/05/2021 – Encontro 4 – Alimentos da Vida Viva

Professores: Encontro com todos os integrantes do curso realizando suas receitas junto com Carroça de Mamulengos.

Ementa: A vida viva é celebração, comunhão, compartilhar da abundância com alegria. Festejar a simplicidade do bem viver, aprender com as mãos, cheiros, cores, sabores e saberes. Histórias e memórias de alimentos que atravessam o tempo nutrindo e formando que somos hoje.

Cena 3: O que nós podemos fazer por nós mesmos

26/05/2021 – Encontro 1 – O desejo de estudar (parte 1)

Professor: Dr. Giuliano Tierno de Siqueira

Ementa: As trajetórias de pesquisadores contemporâneos vêm pedindo, há tempos, o cuidado com a palavra de apresentar a pesquisa, com a palavra de mostrar o que se vai encontrando quando se investiga processos de ensinar e aprender, em qualquer espaço que se possa viver um jogo de conhecimentos: uma escola, uma rua, um museu, uma cidade. Percorreremos a palavra que nasce dos saberes de experiência e os saberes de experiência como fundamentos das pesquisas acadêmicas. Imitando o pulso do poema, perguntamos o que a literatura e a arte ensinam às pessoas que pesquisam. Não trataremos do inverso, porque queremos enfatizar, nessa disciplina, a escrita de pesquisadores que se deixa contagiar pela escrita literária. Arriscamos, assim, a pensar o que pode o discurso das ciências humanas e o discurso acadêmico aprender com os discursos da literatura, da arte.

02/06/2021 – Encontro 2 - Vivência poética no reino do Aleluia da Floresta de meu Bem

Professor: Antônio Gomide

Ementa: O que é verdadeiramente Ser um palhaço?

Não somente pintar o rosto e vestir uma roupa colorida, mas trazer na sua linguagem o canto, a dança, a memória e a poesia da sua gente. O palhaço representa alegria e a grande alegria é a

fartura, fartura de alimento que nutre o corpo, e a fartura de sonhos e esperanças que vestem e nutrem a alma. A poesia é uma linha condutora que, embora esteja presente no silêncio, quando verbalizada através da rima configura uma singular forma de revelar o mundo.

Nesse encontro, vamos conhecer um pouco das leis métricas que configuram a poesia nordestina através da poética do palhaço Aleluia da Floresta do meu Bem.

09/06/2021 – Encontro 3 - Inventários e biofantasias: viver-brincar-narrar

Professora: Gabriela Romeu

Ementa: Como se inventariar? Como inventariar poeticamente o próprio viver? A partir da biofantasia *Álbum de família – Aventuras, memórias e efabulações da trupe familiar Carroça de Mamulengos* (2019) e outras obras selecionadas, o encontro abre um percurso para tratar de narrativas de si a partir de um inventário feito em palavras, fotos, cenas e bordados, entre outras possíveis linguagens ou formas de grafar memórias. É um convite a se revisitar e reinventar a própria história, pois, como nos conta o escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós, toda visita ao passado é ficcional.

16/06/2021 – Encontro 4 - Princípios, práticas e processos

Professor: Antônio Gomide

Ementa: Princípios da Agrofloresta.

23/06/2021 – Encontro 5 - O desejo de estudar (parte 2)

Professor: Dr. Giuliano Tierno de Siqueira

Ementa: As trajetórias de pesquisadores contemporâneos vêm pedindo, há tempos, o cuidado com a palavra de apresentar a pesquisa, com a palavra de mostrar o que se vai encontrando quando se investiga processos de ensinar e aprender, em qualquer espaço que se possa viver um jogo de conhecimentos: uma escola, uma rua, um museu, uma cidade. Percorreremos a palavra que nasce dos saberes de experiência e os saberes de experiência como fundamentos das pesquisas acadêmicas. Imitando o pulso do poema, perguntamos o que a literatura e a arte ensinam às pessoas que pesquisam. Não trataremos do inverso, porque queremos enfatizar, nessa disciplina, a escrita de pesquisadores que se deixa contagiar pela escrita literária. Arriscamos, assim, a pensar o que pode o discurso das ciências humanas e o discurso acadêmico aprender com os discursos da literatura, da arte.

30/06/2021 – Encontro 6 - Notação do primeiro giro de uma ciranda brincante

Mediação: Schirley França e Maria Gomide.

Ementa: Apresentação dos cadernos, histórias e notações dos encontros que formaram o primeiro Ato do curso, o primeiro giro da ciranda brincante de todos nós.

Pensar sentir fazer, notas do saber da experiência, 15 encontros com Folia, bandeira, pães, receitas da vida viva, caderno, desenhos, narrativas da vivências e das memórias, o que “em mim mora”.

Segundo Ato

Cena 1: Mestres e Mestras da Cultura

04/08/2021 – Encontro 1 – A Barraca da União

Professora: Maria Gomide

Ementa: A vivência como modo de criar a existência. Memória e tradição exercício de presença e de constante inventividade.

Relato de experiência: A Barraca da União - Escola de educação e cultura da Carroça de Mamulengos, em Juazeiro do Norte (1986/1989).

Histórias de Teatro e Circo - Inventando tradições (1989-2021).

União dos Artistas da Terra da Mãe de Deus - Experiência de escola de educação e cultura da Carroça de Mamulengos em Juazeiro do Norte (2002/2010).

Pós-graduação Saberes Populares- Experiência de estudo online (2021).

11/08/2021 – Encontro 2 – Mestre Dodo – Reisado

Professores: Mestre Dodo, Contra Mestre Joãozinho e grupo de figurais.

Ementa: Tradição e memória de se brincar reisado através da experiência do Mestre Dodo, responsável pelo reisado São Francisco e brincante há mais de 60 anos dessa tradição.

18/08/2021 – Encontro 3 – Mestre Antônio e Mestre Raimundo – Reisado: parte 1

Professores: Mestre Antônio Evangelista e Mestre Raimundo Evangelista.

Ementa: O reisado, o enredo, a história e a tradição de brincar a partir da vivência com Mestre Antônio e Mestre Raimundo, respectivamente Mestre e Mateu do Reisado Discípulos de Mestre Pedro também conhecido como Reisado dos Irmãos. As peças (músicas), as figuras dramáticas, as comédias, as construções dos materiais de se brincar. As inventividades e criações.

25/08/2021 – Encontro 4 - Mestre Antônio e Mestre Raimundo – Reisado: parte 2

Professores: Mestre Antônio Evangelista e Mestre Raimundo Evangelista.

Ementa: O palhaço Mateus e a comicidade dentro da brincadeira, as figuras de representação do sagrado e do profano. As inventividades do brincar.

01/09/2021 – Encontro 5 – Mestra Marinez do Cariri – Coco

Professora: Mestra Marinêz do Cariri

Ementa: A tradição de se brincar em roda. Bater o pé no chão para se construir a pisada (o caminho). Os cantos de trabalho e a tradição de cantar e dançar coco através da experiência da Mestra Marinez responsável pelo grupo Frei Damião.

08/09/2021 – Encontro 6 – Mestra Marinez – Encantares de Alma

Professora: Mestra Marinez e Encantares de Alma

Ementa: Os ritos de passagem vividos pela tradição, os cantos de encomenda de alma, benditos e rezas para se lidar com o luto e a morte.

15/09/2021 – Encontro 7 – Mestre Nena: O Bacamarteiro

Professor: Mestre Nena

Ementa: A experiência da tradição do Bacamarteiro através da vivência com o Mestre Nena responsável pelo grupo Bacamarteiros da Paz. A criação e manutenção do grupo, o museu orgânico, a inventividade das criações.

Cena 2: Entremeio – Seminário das Sementes

22/09/2021 – Encontro 1 – Seminários Grupo 1: Tradição e práticas da vida e Grupo 2: Tradição e Cotidiano escolar

Apresentações dos grupos.

29/09/2021 – Encontro 2 – Seminários Grupo 3: Tradição e práticas não-formais de educação e Grupo 4: Tradição e Música

Apresentações dos grupos.

06/10/2021 – Encontro 3 – Seminários Grupo 5: Tradição e a cena (o corpo e a voz) e Grupo 6: Tradição e a contação de história

Apresentações dos grupos.

13/10/2021 – Encontro 4 – Conversa com Giuliano após os seminários

Professor: Dr. Giuliano Tierno de Siqueira

20/10/2021 – Encontro 5 – Diversão como fortalecimento para a experiência ética

Professora: Luiza Christov

Ementa: Narrar nossos modos de diversão é, antes de mais nada, buscar lugares de refúgio e fortalecimento para o enfrentamento de momentos trágicos, como vivemos atualmente no Brasil. Os modos de diversão são reveladores de valores, saberes, crenças e vontades. São contos que nos carregam e que carregamos na busca da alegria. E da partilha de sentidos para nossa experiência.

Cena 3: Encontros e EmCantos

27/10/2021 – Encontro 1 – Fragmentos de um bom encontro!

Professor: João Rezende

Ementa: Sequência dos textos: 1 - D.H. Lawrence. O sentido massa e o sentido individual; 2 - F. Nietzsche. O conceito e a metáfora; 3 - Os desenhos de G. Dore; 4 - A. Doudet. O segredo do mestre Cornille; 5 - L.Munford. Arte e técnica; 6 - P. Áries. História social da criança e da Família; 7 - B.Guedes. Canudos; 8 - D. Sávio. Caldeirão.

03/11/2021 – Encontro 2 – Acervo Maracá

Professora: Renata Amaral

Ementa: Apresentando áudios e vídeos registrados em diversos estados, propomos uma viagem pelo Brasil através de nossas tradições populares hoje, seus mestres, comunidades e artistas. Discutindo questões como a memória ligada à composição, as ferramentas criativas da transmissão oral, complementaridade e diluição na relação criador /consumidor, funcionalidade da construção formal, autoria x recriação, apropriação cultural e outras, essas tradições são reveladas como arte contemporânea e atemporal.

10/11/2021 – Encontro 3 – Brincando o Teatro

Professora: Felícia Johansson

Ementa: Brincando o Teatro: a linguagem cênica do grupo Carroça de Mamulengos e suas reverberações na minha trajetória de professora de teatro e artista da cena.

17/11/2021 - Encontro 4 - Histórias Cruzadas: 3 pistas e 4 cenas com o Carroça de Mamulengos

Professor: Johnny Alvarez

24/11/2021 – Encontro 5 – Produção Cultural na Comunidade

Professora: Daniela Rosante Gomes

Ementa: Partindo das inquietações observadas na turma sobre algumas contradições e desafios existentes no espaço acadêmico, vou revisitando minha trajetória de artista e educadora, dentro e fora da universidade, relacionando-a com práticas e temáticas que me levam ao encontro da família Carroça de Mamulengos em meu doutoramento.

Arte e Produção Cultural na e com a Comunidade, Teatro na e com a Comunidade, Teatro de Rua, Memória e Oralidade, Tradições e Culturas Populares, Arte Pública, Ação Sociocultural, TransFormação do Ser e do Mundo e Educação (do) Sensível são as temáticas abordadas, auxiliando a refletir sobre a questão fundante do curso: “O que nós podemos fazer por nós mesmos(as)?”. Reunindo exemplos de articulação entre os desafios da sobrevivência na vida artística, o espaço acadêmico e outros espaços e comunidades, vou refletindo com a turma sobre formas de sentir-pensar-agir no mundo, buscando coerência entre pensamento-palavra-ação para vivência-criação-invenção de novas realidades (dentro e fora de nós). Relaciono essas reflexões aos saberes e fazeres desta Escola de Arte e de Vida que é a família Carroça de Mamulengos em seus caminhos percorridos (e a percorrer), que nos inspiram sempre na direção de uma Vida verdadeiramente Viva. Traçando percursos através de um paradigma de Amor Incondicional (uma distante utopia que nos serve para isto: para caminhar...)

01/12/2021 – Encontro 6 – Encontro com Mandioca Frita e sua família

Professor: Júlio César Macedo

Ementa: Júlio César Macedo, o Mestre Palhaço Mandioca Frita inicia sua vivência como artista através da companhia familiar e de cultura popular “Carroça de Mamulengos”, e mais pra frente convive com o Mestre Washington, já falecido, fundador do grupo “Boca em Boca”. Algum tempo depois, Mandioca Frita forma uma família, e à medida que os filhos foram crescendo começaram a participar, quase que naturalmente, de seus espetáculos.

Em 2010, é consolidada a TRUPE RAIZ DO CIRCO, conjunto familiar de artistas palhaços e palhaças de Brasília, formada pelo Mestre Palhaço Mandioca Frita (Júlio César), com seus três filhos: Macaxeira (Júlia Maia), Aipim (Davi Maia) e Fóli-Fóli (Luana Macedo) e mais o neto Biju (João Bravo), que representam então o adubo dessa raiz, aprendendo e compartilhando em casa e dentro dos espetáculos e oficinas desde muito pequenos.

Com tradição no teatro de rua, o conjunto se mantém em constante pesquisa e experimentação de linguagens e técnicas, sempre com enfoque no resgate da cultura popular através das diversas vertentes do teatro, dança e circo.

Terceiro Ato

Cena 1: O que nós podemos fazer por nós mesmos?

Semestre dedicado à produção do Trabalho de Conclusão de Curso, no qual os participantes apresentaram seus projetos, propostas e experiências.

02/03/2022 – Encontro 1 – Abertura

Mediação: Coordenadores e professores do curso

Ementa: Está aberta a Plenária do TCC (Tecendo Confluência Comunitárias). Conforme conversamos, nos próximos encontros teremos apresentações conduzida por cada um dos senhores e senhoras, com tempo de apresentação de 20min. Falas e escutas para uma escrevivência coletiva.

09/03/2022 – Encontro 2 – Com Cris e Sheila

16/03/2022 – Encontro 3 – Com Laís e Carol

23/03/2022 – Encontro 4 – Com Giulia e Helenira

30/03/2022 – Encontro 5 – Com Rúbia Lóssio

06/04/2022 – Encontro 6 – Com Edgard e Maria Chioda

20/04/2022 – Encontro 7 – Com Jéssoca Dias e Karina Ferreira

27/04/2022 – Encontro 8 – Com Luisa e Marcos

04/05/2022 – Encontro 9 – Carmen Freitas e Lucas Daflon

11/05/2022 – Encontro 10 – Ivonete e Luana

18/05/2022 – Encontro 11 – Guga Cidral e Mariana Barreto

25/05/2022 – Encontro 12 – Cris, Natanael e Ana Magnani

08/06/2022 – Encontro 13 – Patrícia e Mergulho de trajetória

15/06/2022 – Encontro 14 – Regina Zago e Apresentação TCC

22/06/2022 – Encontro 15 – Antigamente era assim com Maria Gomide e Schirley P. França

06/07/2022 – Encontro 16 - Despedida